

SÓ A LIBERDADE CONTA PORQUE SÓ ELA É ETERNA

— Presidente Samora ao Alto-Comissário da
ONU para os Refugiados

MAPUTO, 28 (AIM) — «Queremos garantir que sejam quais forem as dificuldades, nós não retiraremos o nosso apoio à luta do povo do Zimbabwe.

Fazemos desta luta a nossa luta. A opressão do povo de Zimbabwe é a opressão de parte do povo moçambicano» — disse o Presidente da FRELIMO e da RPM, Samora Moisés Machel, ao receber na manhã de hoje o Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Paul Harting, que na quarta-feira última chegou a Moçambique.

O Alto-Comissário era acompanhado de Mr. Raymond Mkanda, chefe da secção de África Austral e de Mr. Viru Dayal, seu assistente especial.

Juntamente com o Presidente Samora, recebiam a delegação das Nações Unidas, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, o director do Instituto Africano, Aquino de Bragança e ainda Luis Bernardo Hownana, chefe do gabinete da Presidência.

A LIBERDADE É ETERNA

«Nós não aceitamos — continuou o Presidente — que uma parte do corpo esteja acorrentada e a outra liberta. Só poderemos aceitar a libertação do Zimbabwe quando essa libertação

for total. A independência do Zimbabwe completa a independência de Moçambique. A consolidação da independência de Moçambique depende da independência do Zimbabwe. O progresso, o desenvolvimento político, económico, social, cultural do povo do Zimbabwe facilitará o progresso e a felicidade do povo de Moçambique. Consideramos esta luta comum. Esta luta também é nossa. Para ela necessitamos do vosso apoio. A vossa presença mostra-nos que temos o apoio da comunidade internacional, que temos o apoio de todos os povos.

Assim, Moçambique continuará a ser uma base de liberdade.

Moçambique continuará a lutar pela liberdade da humanidade inteira, porque consideramos a luta do povo de Zimbabwe como uma luta da humanidade.

Será necessário enfrentar dificuldades e sacrifícios, mas todas as lutas se caracterizam por isso; não há luta sem dificuldades, não há luta sem sacrifícios.

Por isso os consideramos como temporárias. São vento que sopram, mas dia virá em que a liberdade soará. Isso, sim será eterno. Porque a liberdade é eterna».

APOIAR AS LUTAS DE LIBERTAÇÃO

«Sem opressão estrangeira — ex-

plicou o Presidente Samora ao Alto-Comissário das Nações Unidas — não haveria refugiados no mundo. Mas o caso do Zimbabwe é um caso muito especial.

É especial porque está lá o colonialismo britânico, está lá a rebelião rodesiana, está lá o racismo. São três elementos misturados.

Por isso acontece a luta de libertação contra o colonialismo, e contra a dominação directa, que é exercida pela rebelião rodesiana».

Salientando a importância da acção das Nações Unidas no campo dos refugiados, como passo essencial para a libertação do homem, o Presidente Samora Machel fez notar que só há um caminho que ponha termo à existência dos refugiados, no mundo: o apoio às lutas de libertação.

«Se nós apoiarmos a luta de libertação, isso significa que queremos acabar com os refugiados. E esta não é uma afirmação de hoje, mas de há mais de 10 anos.

Em 1965 tínhamos mais 70 mil refugiados na Tanzânia.

Por isso dizemos que é preciso não somente apoiar os refugiados, mas também apoiar os movimentos de libertação, porque são esses que liquidam as causas essenciais que provocam existência de refugiados».

OS REFUGIADOS

«Quando as Nações Unidas nos reconheceram e nos deram apoio, acabaram os refugiados de Moçambique. Acabamos com o colonialismo. As Nações Unidas participaram na evacuação dos refugiados moçambicanos da Tanzânia e da Zâmbia, para regressarem ao seu país.. E porque regressaram? Porque o colonialismo morreu. Vejamos por exemplo: O problema dos palestinos, que não têm terra sua. Sempre vai existir problema de refugiados palestinos, enquanto no Médio Oriente não encontrarem a sua terra. A Namíbia, enquanto não for livre, terá refugiados.

Ao acabar com o colonialismo, acabaram os refugiados de Moçambique, da Guiné Bissau, e de Angola.

Esta nossa tese é a que achamos mais justa: é preciso apoiarmos os movimentos de libertação porque liquidam as causas que provocam o afluxo dos refugiados».

Referindo-se às dificuldades enfrentadas pelos países que prestam assistência e apoio aos refugiados, o Presidente Samora lembrou que em

Moçambique mais de 60 mil pessoas tiveram de ser deslocadas da fronteira rodesiana, devido as agressões das tropas de Smith. Além dessas populações, houve que organizar estruturas de apoio para 40 mil zimbabwianos que se refugiaram no nosso País. «Temos dificuldades em contactar com os campos de refugiados e com as pessoas deslocadas por causa da guerra.

São problemas sérios, que pensamos só poder resolver com o auxílio do serviço dos refugiados das Nações Unidas. Estamos independentes há 3 anos, depois de 500 anos de dominação estrangeira e 10 anos de guerra de agressão, pode imaginar os problemas que enfrentamos».

Lembrando que no fim da guerra colonial tínhamos dois milhões e quinhentos mil refugiados nos campos de concentração e que da Zâmbia e da Tanzânia chegaram a 120 mil refugiados — ainda hoje lá continuando alguns —, o Presidente fez notar que para além desses 60 mil moçambicanos deslocados da fronteira e dos 40 mil zimbabwianos refugiados, tivemos ainda o problema das cheias do Limpopo, em que cerca de 400 mil pessoas perderam suas casas.

«Por isso dizemos que é preciso apoiar os países que têm refugiados.

Temos recebido apoio das Nações Unidas para o problema do Zimbabwe e também, fora das Nações Unidas, de outros países, particularmente os nórdicos, que nos têm auxiliado em todas essas calamidades.

Por tudo isto felicitamos as Nações Unidas por o terem escolhido. Esta sua visita marca o valor e a atenção que dá a este trabalho. O trabalho no campo dos refugiados é um trabalho da humanidade».

UM EXEMPLO PARA O MUNDO

Depois de agradecer as palavras do Presidente Samora e a hospitalidade recebida pela sua delegação, o Alto-Comissário, Paul Hartling explicou que esta sua vinda a Moçambique — o 1.º país que visitava após ter tomado posse de seu cargo — era mais do que justa, uma vez que Moçambique fora o primeiro País a apoiar a sua candidatura.

«O facto de o seu País dar apoio ao povo do Zimbabwe — disse — constitui um grande exemplo de generosidade para todo o mundo. Sei que esse apoio tem significado muitos sacrifícios para Moçambique e não ignoramos o seu preço em perdas e des-

amigos. E apesar de tudo o que se passou, e ainda estamos muito chocados pelas notícias de ataques como o do Chimoio, vocês continuam a ser nosso hóspedes e apoiar os refugiados. Na minha opinião, é dever de todo o mundo fornecer comida, vestuário e alojamento a todas essas pessoas».

Lembrando que uma das vantagens em ter vindo o Moçambique era a de poder agora explicar aquilo que viu pessoalmente e os problemas que encontrou, aos países membros das Nações Unidas, «pois que nós dispomos de fundos e estamos dependentes dos estados membros». Paul Harting garantiu que com toda a boa vontade e com todas as suas forças ele próprio se iria dedicar a essa angariação. «Te-

mos problemas com refugiados de todo o mundo — acrescentou — vêm da América Latina, do Médio Oriente, de todos os países. Mas a África é a situação que mais nos preocupa e particularmente a África Austral».

«Podem também contar connosco, porque nós estamos prontos para apoiar a luta do Zimbabwe» — concluiu o Presidente Samora Machel — pode ela levar 5, 10, 15, ou 20 anos mas a liberdade chegará. O Vietname lutou 30 anos mas libertou-se. Aqui lutámos 10 anos, mas a liberdade chegou. Isso é que conta, porque ela é eterna. O resto é temporário. Por isso contem connosco, porque nós estamos prontos».

(De: "Notícias", Maputo, 1978-01-29)